

HARTMANN, Luciana. **Performance e protagonismo em narrativas de crianças imigrantes**. Brasília/DF: Universidade de Brasília. Departamento de Artes Cênicas e Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Professora Associada III. Bolsista de Produtividade do Cnpq – nível 2.

RESUMO: O foco deste artigo é debater o lugar de protagonismo estabelecido por crianças imigrantes, recém-chegadas à França, ao contarem histórias. Utilizando o escopo teórico e metodológico dos Estudos da Performance, analisaremos não apenas O QUÊ as crianças contam, mas COMO contam, pois isso permite compreender melhor como se dá a agência das crianças nos processos de escolarização que ocorrem em classes de acolhimento francesas. As narrativas analisadas no texto foram produzidas no âmbito de uma pesquisa etnográfico-propositiva, realizada entre 2014 e 2015 em duas escolas públicas francesas de Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: protagonismo infantil, crianças imigrantes, contação de histórias, performance, escola.

ABSTRACT: The focus of this article is to discuss the place of protagonism established by immigrant children, newcomers to France, when they tell stories. Using the theoretical and methodological scope of Performance Studies, we will analyze not only WHAT children tell on but HOW they tell, since this allows a better understanding of how the children's agency happens in the schooling processes that take place in French host classes. The narratives analyzed in the text were produced within the framework of an ethnographic research, carried out between 2014 and 2015 in two french elementary public schools.

KEYWORDS: children protagonism, immigrant child, storytelling, performance, school.

Era uma vez um menino e uma menina. O menino se chamava Andrei e a menina Anne. Os dois amam a guerra mundial. Eles brincam de guerra mundial. Chegou uma amiga dos dois que se chama Laura. Laura ama a guerra também, como Anne e Andrei. Um dia, 03 de dezembro de 2014, estava frio e era Natal. Anne e Laura queriam um castelo de príncipe e Andrei um castelo de cavaleiro. Um dia Laura e Anne queriam brincar de princesa, era 04 de dezembro de 2014, mas Andrei queria brincar de guerra. Duas semanas depois acontece uma guerra mundial, mas Laura, Anne e Andrei não têm medo da guerra mundial, eles querem parar a guerra. Eles falaram com os responsáveis pela guerra e depois a guerra acabou.

*A guerra mundial,*  
narrativa oral contada por Anne<sup>1</sup>, de 9 anos,  
imigrante da Romênia em Paris.

Que histórias as crianças imigrantes contam? Como contam, já que frequentemente não dominam o idioma do país de destino? Essas foram as perguntas iniciais que embasaram a pesquisa que desenvolvi, entre 2014 e 2015, em duas escolas públicas francesas de Ensino Fundamental, em classes de acolhimento a crianças estrangeiras<sup>2</sup>.

O foco deste artigo é o lugar de protagonismo estabelecido por crianças imigrantes, recém-chegadas à França, ao performatizarem suas histórias. Utilizando o escopo teórico e metodológico dos Estudos da Performance, enfocaremos não apenas O QUE as crianças contam, mas COMO contam, pois isso permite compreender melhor como se dá a agência das crianças nos processos de escolarização que ocorrem em classes de acolhimento francesas. As narrativas analisadas neste artigo foram produzidas no âmbito de uma pesquisa etnográfico-propositiva, realizada entre 2014 e 2015 em duas escolas públicas francesas de ensino fundamental. O gérmen desta pesquisa foi despertado em 2013, numa experiência de partilha de histórias e memórias com estudantes de 5<sup>o</sup>. Ano (com 10 e 11 anos) de uma escola pública da periferia da capital brasileira. Teve sequência, em 2014, durante meu pós-doutoramento, com o projeto “Pequenos Narradores”, realizado em duas escolas públicas francesas, que visava a escuta e a produção de narrativas de

---

<sup>1</sup> Todos os nomes reais das crianças foram substituídos por nomes fictícios, adotados em seus países de origem, no intuito de proteger suas verdadeiras identidades.

<sup>2</sup> Este texto é uma versão reduzida e modificada do artigo com mesmo título, a ser publicado na Revista Educação em foco, da Universidade Federal de Juiz de Fora (no prelo).

crianças imigrantes. Desde 2015 passei a trabalhar com uma equipe formada por alunos de Cursos de Licenciatura em Artes Cênicas e em Antropologia, da Universidade de Brasília, em escolas públicas do Distrito Federal, com foco no protagonismo das crianças em processos artístico-pedagógicos. Em 2017 demos início ao Ateliê do Brincar, um espaço de partilha de ideias, histórias e brincadeiras que acolhe crianças de 5 a 10 anos, filhxs de alunxs e servidores da Universidade de Brasília e da comunidade em geral. Os deslocamentos, reposicionamentos das relações e a radicalização dos contatos (físicos, emocionais) provocados pela performance possibilitam experiências não usuais no ambiente escolar. Não se trata mais de “ensinar”, mas de interrogar, experimentar, compartilhar pedagogias que se estão sempre “em processo” e que só são possíveis na relação, em contextos específicos, com sujeitos específicos.

Tenho escrito artigos sobre os processos de pesquisa referidos acima (HARTMANN, 2015; 2017; 2018a; 2018b) e costumo sempre começar situando minha formação, que se deu entre teatro e antropologia (graduação em Artes Cênicas, mestrado e doutorado em Antropologia). Em quase vinte anos de experiência pesquisando o universo dos contadores e de suas histórias, intrigava-me a ausência quase que total, em livros e artigos sobre o tema, da voz das crianças – elas eram sempre o público, os ouvintes, mas raramente apareciam protagonizando o ato de narrar. Diante dessa constatação, e acompanhando o drama de milhares de imigrantes e refugiados que têm ingressado nos últimos anos na Europa, desenvolvi um projeto de pós-doutoramento<sup>3</sup> que visava escutar as crianças imigrantes no ambiente institucional no qual elas têm maior contato, a escola. Nesse cenário, vejo a escola como uma importante “zona de contato”, que envolve, de acordo com Mary Louise Pratt (*apud* HALL, 2003, p. 31), “a copresença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunturas geográficas e históricas (...) cujas trajetórias agora se cruzam”.

A noção de protagonismo infantil é acionada aqui porque garante uma relação mais horizontal com as crianças e a compreensão de que elas são

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada com bolsa de Estágio Sênior da Capes, na Université Paris Ouest Nanterre-La Défense, sob supervisão da Profa. Idelette Muzart Fonseca dos Santos.

produtoras de cultura, com agência na sociedade (COHN, 2006; FRIEDMAN, 2017). A partir do momento em que amplificamos nossa escuta e abrimos verdadeiramente o diálogo com as crianças, podemos entender suas visões de mundo, suas críticas, seus posicionamentos, suas percepções. Elas passam a ser consideradas autoras de suas próprias vidas. Foi nessa perspectiva que desenvolvi essa pesquisa.

Antes de voltarmos nossa atenção, especificamente, para as narrativas das crianças, será importante conhecer um pouco melhor o contexto da pesquisa: meninos e meninas imigrantes, recém-chegadas à França, são convidados a contar histórias à sua escolha no âmbito do projeto intitulado Pequenos contadores ou troquemos nossas histórias (*Petits conteurs ou échangeons nos histoires*), desenvolvido em parceria com Noëlle Ebel, professora da CLIN - Classe de iniciação do francês para crianças não-francófonas (em francês, *Classe d'initiation pour non-francophones*) da École Keller e, posteriormente, da École Éugène Varlin, situadas na cidade de Paris.

As CLIN são classes especiais que acolhem crianças entre 06 e 12 anos e podem receber, no máximo, 15 alunos. Para que se tenha uma ideia mais clara da diversidade das CLIN, quando iniciei minha pesquisa na École Keller, em fevereiro de 2014, havia treze crianças, originárias dos seguintes países: Chade, Senegal, Guiné-Bissau, Marrocos Romênia, Portugal, Colômbia, uma Bangladesh e Brasil. Ao longo dos cinco meses na escola, chegaram mais dois irmãos da República do Congo, dois irmãos gêmeos da China e um menino dos Estados Unidos. Já na École Eugène Varlin, onde desenvolvi a pesquisa entre setembro de 2014 e janeiro de 2015, havia seis alunos, uma da Espanha, um da Mauritânia, um da Moldávia, uma do Brasil, um da Gâmbia e um da Argélia. Nos meses subsequentes chegaram mais quatro crianças, duas do Senegal, uma da Romênia e uma da Espanha. Como constata Sabine Gorovitz no livro "A Escola em Contextos multilíngues e multiculturais" (2014): "Falar hoje de escola na França implica em apreender a pluralidade, seja ela linguística ou cultural. Através das problemáticas levantadas pelo que é comumente chamado de "acolhimento" de novos "chegantes", é geralmente a questão da diversidade que se coloca." Foi justamente o resultado dessa

diversidade que procurei acessar através das narrativas produzidas pelas crianças.

Tanto em uma quanto em outra escola procurei estabelecer uma relação de partilha e confiança com as crianças. Um elemento facilitador nesse processo foi o fato de que eu também era estrangeira e, como muitas delas, não dominava com perfeição o idioma – esse último aspecto era lembrado frequentemente pelas crianças, que se orgulhavam de me ensinar a pronúncia correta ou me auxiliar com o vocabulário.

Já no primeiro encontro, depois de me apresentar e situar no mapa *mundi* de onde eu vinha, falei de minha pesquisa e propus que elas fossem pesquisadoras junto comigo (ver ALDERSON, 2005). Elas perguntaram: como? E eu respondi: pesquisando, criando histórias. Para isso distribuí cadernetas para todas as crianças e a cada encontro elas contavam suas histórias, que podiam ser inventadas, escritas pela mãe, desenhadas, podiam ser lembranças do país de origem e podiam até ser sonhadas, como me disse Mahmoud, de 8 anos. Estudar a capacidade criativa das crianças, como lembra a antropóloga Rita Oenning (2015, p. 1071), permite “que se acesse, através de suas produções (orais, escritas, imagéticas, etc.) seu saber e o saber sobre a sociedade em que essas estão inseridas.

Cada encontro com as crianças era organizado basicamente da seguinte maneira: iniciava com jogos ou brincadeiras envolvendo corporal e vocalmente todo o grupo (incluindo eu e a professora), depois eu contava uma história e, numa relação de troca, abria-se a roda para que os alunos pudessem contar suas próprias histórias. Passei a chamar essa estratégia metodológica de pesquisa etnográfico-propositiva, pois não se tratava apenas de “participar”, mas sim de observar “de dentro”, propondo, jogando, contando, brincando com as crianças. Em várias ocasiões acabei ficando na hora do recreio, pois era o momento que tinha para ficar conversando com a professora. Também acompanhei a turma em diversos passeios, como a uma feira livre, a um espetáculo teatral, ao Museu do Louvre, ao Canal de Saint-Martin ou à Praça da Bastilha, onde as crianças tinham aulas práticas sobre a história e a cultura locais. Como aponta Constantina Xavier, em seu artigo “Ver e ‘Desver’ o mundo em pesquisas com crianças” (2014, p. 16): “As crianças têm muito a

dizer; para as escutar, porém, é preciso propiciar espaços e condições.” O que percebo é que esses espaços e condições, não são necessariamente dados a priori, mas gerados ao longo da própria pesquisa, na medida do envolvimento e disponibilidade dxs pesquisadorxs.

Outra estratégia importante da pesquisa, que venho defendendo há muitos anos, foi o uso de tecnologia audiovisual (gravador de voz, câmera fotográfica e de vídeo). Nesse caso, não apenas eu e Noelle filmávamos, gravávamos ou fotografávamos, mas as crianças também se revezaram nesta tarefa, que fazia parte de sua atuação como co-pesquisadoras. No final do projeto realizado em cada escola, as crianças escolheram algumas de suas histórias, que foram transcritas por mim, corrigidas por elas e pela professora, impressas e encadernadas em um pequeno livro que foi distribuído para as famílias. Os livros traziam em anexo um DVD, com um vídeo no qual cada criança fala de sua origem, sua idade e conta uma história.

A antropóloga Flávia Pires, que vem se dedicando há muitos anos à pesquisa etnográfica com crianças, no artigo “Ser adulta e pesquisar crianças” (2007), debate as diferentes posições existentes no campo antropológico sobre o uso de métodos e técnicas específicas – ou não – no estudo com crianças. Para a autora, dependendo do contexto, tanto podem ser adaptados métodos comumente utilizados com adultos, como entrevistas, quanto podem ser experimentadas estratégias que melhor se adequem ao que se pretende investigar. No meu caso, em que, além de antropóloga, também tenho formação em teatro, parecia evidente que proposições que envolvessem o uso do corpo, da voz, da espacialidade e da tecnologia audiovisual seriam fundamentais para estabelecer relações efetivas com as crianças, já que a palavra falada, nas CLIN, não necessariamente garante a comunicação.

Utilizando o escopo teórico e metodológico dos Estudos da Performance, busquei focar não apenas O QUE as crianças contavam, mas COMO contavam, pois isso permite compreender com maior complexidade seu universo narrativo e comunicativo. Como dizem Gonçalves e Gonçalves (2018, p. 141):

Estudar Performance é interessar-se por marcas identitárias que remodulam e ressignificam sujeitos, considerando seus corpos e suas

narrativas com base em diferentes papéis sociais que exercem e/ou lugares sociais que ocupam. É aí que se torna central compreender a Performance como fronteira entre arte e vida, na qual há lugar para resistências, diferenças e críticas culturais.

Para analisar as narrativas das crianças da CLIN, baseio-me entre outros, na obra de Richard Bauman, que vem desenvolvendo uma longa carreira de estudos sobre a “arte verbal”. Um dos conceitos-chave na obra de Bauman (1977), o evento, é um dos princípios organizadores da etnografia da performance. O termo, usado para designar um segmento limitado e culturalmente definido do fluxo de comportamento e da experiência, que constitui um contexto significativo para a ação, é subdividido pelo autor em “evento narrativo” (a situação discursiva da sua narração – o que estou chamando de COMO) e “evento narrado” (as palavras e ações que nele são relatados – O QUE). Bauman compreende a performance, portanto, como um evento com um modo de comunicação verbal específico, que consiste na tomada de responsabilidade de um *performer* para uma audiência através da manifestação de sua competência comunicativa. Esta competência está baseada no conhecimento e na habilidade que ele possui para falar nas vias socialmente apropriadas – sendo que estas não são restritas às regras gramaticais, mas à toda à gama de recursos expressivos (gestuais, vocais), dos quais o performer pode se servir. Do ponto de vista da audiência, o ato de expressão do *performer* é sujeito à avaliação, de acordo com sua eficiência. Quanto mais hábil, mais intensificará a experiência, através do prazer proporcionado pelas qualidades intrínsecas ao ato de expressão (BAUMAN, 1977, 1992).

É possível verificar que todos esses elementos são acionados pelas crianças, em maior ou maior medida, ao contarem suas histórias. Já a noção de competência adquire um carácter bem particular pois, “falar nas vias socialmente apropriadas”, nas CLIN, pode estar menos ligada ao uso gramaticalmente correto da língua francesa e mais à utilização de determinados códigos estabelecidos pelo próprio grupo. Bauman entende a performance como um tipo de moldura ou enquadramento (*frame*) que expõe as qualidades intrínsecas do ato de comunicação. Dialogando com a obra do sociólogo Erving Goffman, que buscava compreender como a performance é

codificada (*keyed*), Bauman (1992, p. 45) encontra algumas “chaves” ou “códigos” utilizados com frequência em performances narrativas. São elas: 1. fórmulas especiais (ou enquadramentos de abertura), tais como “Era uma vez...”, “No tempo em que os animais falavam...”; 2. Estilização da fala ou dos movimentos (rima, paralelismo, linguagem figurada); 3. Apelo à tradição “Antigamente se dizia...”; 4. Negação ou renúncia à própria habilidade de contar (“Eu não me lembro muito bem dessa história...”). O autor lembra, no entanto, que embora possam existir alguns padrões mais ou menos “universais”, diferentes culturas produzirão distintos enquadramentos e codificações para suas performances narrativas.

Voltemos à “A Guerra Mundial”, narrativa contada por Anne<sup>4</sup>, que serve de epígrafe a este artigo. Para começar, é importante perceber que os personagens são a própria narradora, Anne, e seus dois colegas de classe, Laura, uma brasileira, e Andrei, da Moldávia, todos com 9 anos. Anne demonstra pleno domínio da performance narrativa, fazendo uso de alguns dispositivos que encontramos sistematizados pelo antropólogo e etnolinguista Richard Bauman (1977; 1992), e também acrescentando outros: 1. Ela assume a responsabilidade do que está contando: levanta-se, posiciona-se diante dos colegas (que passam a fazer parte da audiência), gesticula, pede silêncio; 2. Usa uma “moldura” de início, a fórmula clássica dos contos de fadas: “Era uma vez...”; 3. Situa perfeitamente os personagens e o período da narrativa: “Um dia, 03 de dezembro de 2014”; 4. Traz elementos de reflexividade que remete às relações de gênero: embora também “amem a guerra”, as meninas queriam brincar de princesa e Andrei queria brincar de guerra; 5. Apresenta uma cronologia dos fatos “Depois de duas semanas...”; 6. Tem um enquadramento final, sendo concluída com um final feliz, proporcionado pela intervenção das crianças: “Eles falaram com os responsáveis da guerra e depois a guerra acabou.”

Um dos aspectos interessantes, que se pode depreender dessa narrativa, é que, não apenas é uma criança que protagoniza a performance (ela é a contadora), como também são crianças as protagonistas de sua história, transitando naturalmente entre a brincadeira de guerra e a guerra real – na qual

---

<sup>4</sup> Todos os nomes reais das crianças foram substituídos por nomes adotados em seus países de origem, no intuito de proteger suas verdadeiras identidades.

eles intervêm pacificamente, impedindo sua continuidade. Outro fator que merece ser considerado é que, embora “amar a guerra mundial” possa ser entendido como amar a brincadeira de guerra mundial, certamente não é por acaso que três crianças que vivenciam processos migratórios semelhantes adotem como tema da brincadeira, e de suas conseqüentes narrativas, a guerra.

A questão do protagonismo das crianças tanto no evento narrado quanto no evento narrativo aparece ainda com maior força na narrativa abaixo, contada pela amiga de Anne, Laura.

### **O Desastre da Floresta**

Laura – 9 anos – Brasil

Era uma vez duas amigas que se chamavam Anne e a outra se chamava Laura. Havia também um menino que era o irmãozinho de Anne, Ibrahim, e o irmãozinho de Laura, Mohamede. O pequeno grupo não tinha mãe porque elas estavam mortas. Um dia eles foram à floresta e viram uma fumaça. Ibrahim gritou :

- Socorro !

Um homem veio e perguntou:

- O que está acontecendo?

- Fogo! - gritou Mohamede.

- Rá rá rá! Fui eu que coloquei! - diz o homem.

- Vá embora!

Ele colocou fogo por tudo.

O homem tinha uma arma e ele explodiu a floresta inteira.

Ibrahim pega uma arma e atira sobre o homem, mas era muito tarde, a floresta está pegando fogo. Uma dama veio ver e disse :

- Eu trabalho em um orfanato. Venham todos!

Fim

Da mesma forma que na narrativa anterior, aqui os personagens também são constituídos pelos próprios colegas. No caso, Ibrahim e Mohamede eram dois irmãos gêmeos, de 6 anos, que haviam acabado de chegar do Senegal. As meninas, de alguma forma, os « adotam » e os incorporam como seus irmãos na história.

Na história, o grupo é formado por crianças órfãs. Embora aqui o tema não seja a guerra, as crianças se encontram em uma situação de violência e de destruição: um homem explode a floresta inteira. Ao tentar reagir, as crianças naturalmente assumem um papel que costuma como do adulto: “Ibrahim pega

uma arma e atira sobre o homem”, mas é tarde e elas acabam sendo salvas por uma mulher que trabalha em um orfanato. A agência das crianças, mais uma vez, é um elemento fundamental da narrativa. A situação de imigração, como aponta Mesmin (1995), reposiciona as relações entre adultos e crianças.

Por meio da noção de agência, é possível reposicionar as crianças em suas relações com os adultos, compreendendo que elas criam seu próprio sistema simbólico e fazem suas próprias interpretações do mundo.

Laura também usa dispositivos muito semelhantes aos de Anne, indicando o estabelecimento do uso de determinados códigos internos ao grupo, tais como o enquadramento de início (“Era uma vez...”), o uso de personagens reais, a descrição do contexto (“O pequeno grupo não tinha mãe porque elas estavam mortas”) e o enquadramento de conclusão (“Fim.”). O diferencial aqui é que Laura utiliza diálogos, o que demandou a interpretação das vozes de seus personagens durante a performance. Outro dado interessante é que, embora, entre os personagens-crianças, os papéis de gênero não pareçam claramente demarcados, entre os adultos há uma clara distinção: um homem é retratado como o vilão, que coloca fogo na floresta, e é uma mulher quem acolhe as crianças, salvando-as do incêndio.

A proposta deste artigo foi experimentar olhar para a forma como as crianças e suas personagens se colocam no mundo “em performance”, ou seja, em relação, em contexto, em ação. Ao contar suas histórias, esses pequenos pesquisadores-performers não estão apenas traduzindo o mundo, elas o estão criando. Estabelecer uma relação verdadeiramente dialógica com as crianças, reconhecendo sua agência no mundo e dividindo com ela o protagonismo, é o nosso desafio.

Referências bibliográficas:

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, 2005, p. 419-442.

BAUMAN, Richard. **Verbal art as performance**. Rowley and Mass: Newbury House Publishers, 1977.

- \_\_\_\_\_. (ed.). **Folklore, Cultural Performances and Popular Entertainments**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1992.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FRIEDMAN, Adriana. Protagonismo Infantil. In: LOVATO, A; YRULA, C. P.; FRANZIM, R. (orgs.). **Protagonismo Infantil** – a potência de ação da comunidade escolar. São Paulo: Ashoka/Alana, 2017.
- GONÇALVES, Jean Carlos; GONÇALVES, Michelle Bochi. Teatralidade e Performance na pesquisa em Educação: do corpo e da escrita em perspectiva discursiva. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 67, p. 139-155, 2018.
- GOROVITZ, Sabine. **A Escola em Contextos multilíngues e multiculturais**: espaço de construção e negociação de papéis e identidades. Campinas/SP: Pontes Editora, 2014.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HARTMANN, Luciana. Equilibristas, viajantes, princesas e poetas: performances orais e escritas de crianças narradoras. **Boitatá - Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**. UEL, Londrina, n. 20, p. 48-67, 2015.
- \_\_\_\_\_. Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 37, n. 101, 2017, p. 45-64.
- \_\_\_\_\_. Onça, veado, Maria: literatura infantil e performance em uma pesquisa sobre diversidade cultural em sala de aula. **Educar em revista**, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 71-86, 2018a.
- \_\_\_\_\_. Vozes em diáspora: como crianças imigrantes contam suas histórias. **Revista del Museo de Antropología** – Córdoba/Argentina. Vol 11 - Suplemento Especial 1, p. 83-90, 2018.
- ICLE, Gilberto; BONATTO, Mônica; PEREIRA, Marcelo A. Apresentação: Performance e Escola. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 37, n. 101, 2017, p. 1-4.
- MESMIN, Claude *et alii*. **Psychothérapie des enfants de migrants**. Paris : La Pensée Sauvage, 1995.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 50, Nº 1, 2007, p. 225-270.

SILVA, Rita de Cácia Oenning da. Quem conta um conto aumenta muito mais que um ponto: narrativa, produção de si e gênero na produção fílmica com crianças pequenas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, 2015, p. 1069 – 1088.

XAVIER FILHA, Constantina. Ver e 'Desver' o mundo em pesquisas com crianças. **Textura**, n.32, 2014, p. 45-63.